

Giovanni Pico della Mirandola

**Trilogia das regras do Pico della  
Mirandola**

Ed. bilíngue

Organização

Fábio Frohwein de Salles Moniz

Heloísa Maria Moraes Moreira Penna

Maryanne Pimenta Fagnoli

Tradução

Maryanne Pimenta Fagnoli



Fale/UFMG

Belo Horizonte

2025

**Diretora da Faculdade de Letras**

Sueli Coelho

**Vice-Diretor**

Georg Otte

**Coordenação editorial e administrativa**

Emilia Mendes

**Comissão editorial**

Carolina Fenati

Elisa Amorim Vieira

Emilia Mendes

Maria Cândida Seabra

Sônia Queiroz

**Capa e projeto gráfico**

Glória Campos

(Mangá Ilustração e Design Gráfico)

**Preparação de originais**

Beatriz Cristeli do Vale

**Revisão**

Ana Rafaela de Sena

Beatriz Cristeli

**Diagramação**

Beatriz Cristeli

**Revisão de provas**

Ana Rafaela de Sena

Beatriz Cristeli

**ISBN**

978-85-7758-378-2 (digital)

978-65-87237-99-2 (impresso)

**Endereço para correspondência**

Labeled – Laboratório de Edição

Fale/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6.627

1º andar

31270-901

Belo Horizonte/MG

e-mail: [originais.labeled@gmail.com](mailto:originais.labeled@gmail.com)

site: <https://labeled-letras-ufmg.com.br/>

Instagram: @labeled\_ufmg

# Sumário

- 5**    **Introdução**  
Maryanne Pimenta Fargnoli
- 11**   **À guisa de prefácio**  
Heloísa Maria Moraes Moreira Penna
- 15**   **Duodecim regularum epitoma ad bene uiuendum**
- 31**   **Epítome das doze regras para o bem-viver**
- 41**   **Duodecim arma spiritualis pugnae quae in promptu haberi debent cum pecca[n]de libido mentem subdit**
- 55**   **As doze armas da luta espiritual que devem estar à disposição quando o desejo de pecar submete a mente**
- 75**   **Duodecim conditiones amantis**
- 129**   **As doze condições do amante**
- 132**   **Sobre os autores**



# Introdução

Maryanne Fagnoli

Neste trabalho apresentam-se os resultados da pesquisa em nível de iniciação científica, cujos objetivos foram transcrever e traduzir os textos “*Duodecim regularum epitoma ad bene uiuendum*” (“Epítome das doze regras para o bem-viver”), “*Duodecim arma spiritualis pugnae*” (“As doze armas da luta espiritual”) e “*Duodecim conditiones amantis*” (“As doze condições do amante”), de Giovanni Pico della Mirandola (1463–1494), humanista do Renascimento Italiano. Os textos foram escritos em latim e impressos com escrita reduzida e abreviada, compatíveis com as impressões das obras em latim do final da Idade Média e início do Renascimento.

A pesquisa foi desenvolvida sob a orientação da professora Heloísa Penna (UFMG) e do professor Fábio Frohwein (UFRJ), tendo sido realizada em cooperação com o Núcleo de Estudos Clássicos da Fundação Biblioteca Nacional (NEC-FBN), que possui entre seus objetivos pesquisar sobre as obras de línguas e literaturas clássicas, a partir de itens depositados na FBN, contribuindo, assim, para o conhecimento, tratamento e divulgação do acervo dessa instituição.

Nesse sentido, a FBN dispõe de um exemplar de publicação póstuma das *opera omnia* de Pico della Mirandola, impresso em Veneza, em 1519, por Guillelmo Fontaneto de Monteferra: único exemplar encontrado na América Latina entre as bibliotecas nacionais, conforme os resultados de nossa pesquisa de raridade bibliográfica realizada previamente junto ao NEC-FBN.

Nesse exemplar se encontra, na seção "*Testimonia eius uitae et doctrinae*" ("Testemunhos de sua vida e doutrina"), o texto "*Duodecim regularum epitoma ad bene uiuendum*" ("Epítome de 12 regras para o bem-viver"), objeto da pesquisa, na qual o autor apresenta, com base em seus estudos, reflexões e experiências, regras para se viver bem, dentro dos parâmetros de sua concepção filosófica "de conciliação entre diferentes doutrinas e sistemas"<sup>1</sup>. Ao ser realizada a tradução e as análises linguística, semântica e literária do referido opúsculo, verificou-se que ele, na verdade, integra uma trilogia, ao lado dos textos "*Duodecim arma spiritualis pugnae*" ("As 12 armas da luta espiritual") e "*Duodecim conditiones amantis*" ("As 12 condições do amante"), cuja transcrição e tradução também é realizada neste trabalho.

Os resultados parciais do trabalho foram apresentados em três eventos acadêmicos no ano de 2023: 1) no I Seminário Externo do NEC-FBN, realizado entre 22 e 25 de maio, 2) na XXXII Semana de Iniciação Científica da PRPQ/UFMG, realizada entre 23 e 26 de outubro e 3) no evento "O latim divulga sua iniciação científica", da área do latim da Faculdade de Letras da UFMG, realizado em 24 de outubro, e indicam a importância de se estudar a produção em latim do final da Idade Média e do início do Renascimento. De fato, há um grande acervo a se explorar cujo campo de pesquisa se abre para os estudos literários e linguísticos. No caso específico dos textos de Pico della Mirandola, chama atenção o emprego de um latim fluente, objetivo e claro, cuja pretensão, ao que parece, era a de ser lido não apenas pelos intelectuais humanistas em busca de aprofundamento no debate religioso e filosófico, mas também por todos os interessados em prescrições/receitas para o bem-viver.

## **Pico della Mirandola e suas recomendações para o bem-viver**

Pico della Mirandola nasceu na Lombardia oriental, em 1463, em uma família que governava as cidades de Mirandola e Concórdia. Preparou-se para a carreira eclesiástica, tendo estudado grego e latim clássicos e direito canônico. Posteriormente, dedicou-se à filosofia, demonstrando

<sup>1</sup> CASORETTI. *Pico della Mirandola: o esoterismo como categoria filosófica*, p. 6.

interesse por Platão, Aristóteles, Averróis, escolástica, além de empreender estudos cabalísticos e místicos, dedicando-se, para tanto, ao aprendizado de hebraico e árabe<sup>2</sup>.

Sua obra mais traduzida é o “Discurso sobre a dignidade do homem”, considerado um texto chave para o Humanismo Renascentista. Nele, Pico della Mirandola concebe o homem como um ser dotado de livre arbítrio, artífice de si mesmo e repleto de potencial. Segundo essa visão, o ser humano pode, por suas ações, degenerar-se ao nível da bestialidade ou regenerar-se segundo as realidades superiores, que são divinas. Assim, não haveria determinismo quanto ao lugar que cabe ao ser humano, consistindo este em uma criatura maravilhosa e dotada de liberdade<sup>3</sup>.

Não obstante a relevância de Pico della Mirandola para a filosofia renascentista, cumpre observar que, conforme Casoretti, o humanista italiano parece ter sido pouco estudado no cenário filosófico luso-brasileiro, uma vez que, tanto as traduções quanto as interpretações da obra de Pico são escassas em língua portuguesa<sup>4</sup>.

Neste conjunto de textos que traduzimos, Pico della Mirandola parece propor um modo de vida baseado não somente em sua vasta erudição, mas também em sua vivência, em suas reflexões. Na “Epítome das doze regras para o bem-viver”, ele afirma que o caminho da virtude parece duro ao homem, ressaltando, porém, que é o melhor caminho a se escolher. Nesse duro caminho, ele apresenta um mapa, traduzido em recomendações, bases para a conduta daquele decidido a empreender a batalha espiritual. O filósofo também indica posturas mentais a se manter, como sempre estar atento e vigilante, não acreditar que já se está em uma posição confortável, não dar brechas para que a soberba atue, sempre combater as tentações no início.

Outro aspecto importante é o encorajamento a se confiar em Deus e não se sentir abandonado por Ele, mesmo quando passamos por provações. Pico lembra que mesmo os apóstolos também tiveram de passar pelas tentações para não serem vencidos pela soberba.

<sup>2</sup> JONES. Giovanni Pico della Mirandola.

<sup>3</sup> PICO DELLA MIRANDOLA. *Discurso sobre la dignidad del hombre*.

<sup>4</sup> CASORETTI. *Pico della Mirandola: o esoterismo como categoria filosófica*.

Já em “As doze armas da batalha espiritual”, percebemos uma oposição entre ideias já na forma gráfica em que o texto foi publicado: duas colunas se diferenciam e parecem convidar o leitor a escolher o seu lado<sup>5</sup>. De um lado, temos aspectos negativos, que parecem estar relacionados ao ato de se ceder à tentação. Assim, teríamos um prazer efêmero, acompanhado de repugnância e ansiedade; o desperdício de um bem maior, uma vida de sono e de sombra; a morte seria para nós inesperada e iminente, não estaríamos preparados para a acolher, e provavelmente a encontraríamos como impenitentes. Por sua vez, ao se resistir às tentações, teríamos, do outro lado, o eterno prêmio, a dignidade, a paz de uma boa mente, os benefícios de Deus. A cruz de Cristo, como símbolo do sofrimento a ser suportado, contrapõe-se à morte inesperada, pois já sabemos de antemão, pelo exemplo do lenho, do sofrimento e da morte, pelos quais passaremos inevitavelmente. O exemplo dos santos e dos mártires inspira pela devoção, entrega e arrependimento, opondo-se à impenitência.

Em “As doze condições do amante”, encontramos, além das condições em si, as causas pelas quais servir a Deus: Ele é bom por si; segui-lo nos faz bem de todas as maneiras; ele já nos beneficiou e continua beneficiando permanentemente.

## **Simbolismos**

Os textos de Pico della Mirandola são repletos de simbolismo. Sem esgotar o tema, chamamos atenção aqui para algumas possíveis referências. Logo a princípio, identificamos a presença do número 12 nos três textos investigados. Esse é um número ligado à perfeição, ao que é completo, à elevação espiritual. Às 12 horas, o sol encontra o seu ápice em nosso céu. Essas ideias são estreitamente ligadas ao que Pico della Mirandola parece querer transmitir, pois suas regras para o bem-viver, suas armas da luta espiritual e suas condições do amante reiteram a noção de busca pelo aperfeiçoamento, pela elevação espiritual. Além disso, observamos que o número 12 é utilizado de maneira reiterada em culturas diversas e em diferentes âmbitos: 12 são os signos do zodíaco, os apóstolos de Cristo

<sup>5</sup> Embora, na edição utilizada, o texto apareça em forma de coluna, neste trabalho optou-se por apresentar o conteúdo por meio de tabela.

também são 12, dividimos o ano em 12 meses, 12 foram os trabalhos de Hércules, o dia é dividido em dois períodos de 12 horas, dentre outras ocorrências desse número cabalístico.

A seguir, nos deparamos com três textos interligados, buscando transmitir uma verdade ao seu leitor. Tomando como referência o número 3, destacamos que em seu "Comentário do 'Banquete' de Platão", Marsílio Ficino afirma que os filósofos pitagóricos quiseram que a Trindade fosse a medida de todas as coisas e que, por isso, esse humanista italiano considera que, com esse número, Deus governa todas as coisas, e que também por Ele todas as coisas se aperfeiçoam<sup>6</sup>.

Chama atenção também o fato de, no terceiro texto, referente às condições do amante, o amor referido ser aquele direcionado a Deus. Ficino, que veio a ser mestre de Pico della Mirandola, ao discorrer sobre como Deus deve ser amado, afirma que nenhum de nós na Terra é verdadeiramente um ser humano, encontrando-nos de Deus separados, mas aduz que, pelo divino amor e pela piedade, poderemos a Ele nos elevar. Afirma, ainda, que a mente se volta para Deus como a menina dos olhos se volta para o sol, e que o olho não somente deseja a luz mais do que as outras coisas, mas apenas a luz<sup>7</sup>. Do mesmo modo, o ser humano é atraído para Deus e chegará, algum dia, a almejar apenas alcançá-Lo.

## Em suma

Pico della Mirandola direciona recomendações ao leitor para o bem-viver, mas não é difícil crer que tenha escrito essas regras para si próprio, para se auxiliar na lembrança daquilo que é importante, principalmente em momentos de necessidade.

Observamos que muito do que ele afirma integra verdades já proclamadas por outras instâncias cristãs e pagãs, como a Bíblia e o Estoicismo. O que difere aqui é a própria maneira que o filósofo encontrou de transmitir essa mensagem, organizando-a, adaptando-a, tornando-a mais viva pela sua própria experiência.

<sup>6</sup> FICINO. *O livro do amor*: comentário sobre o convívio de Platão.

<sup>7</sup> "Assim, pois, a mente se volta para Deus como a menina dos olhos se volta para o Sol. O olho, entretanto, não só deseja a luz mais que as outras coisas, mas apenas a luz". FICINO. *O livro do amor*: comentário sobre o convívio de Platão, p. 160.

Percebemos que ele trabalha a questão do convencimento, trazendo razões para se empreender uma luta espiritual em busca da virtude. Superada essa fase, indica posturas a se manter, pensamentos a se cultivar, condutas a se seguir. Está pressuposto que, uma vez iniciado o caminho da filosofia como modo de vida, as provas e as dificuldades aparecerão em algum momento, de modo que manter à mão armas para se utilizar nessa batalha espiritual pode ser muito útil.

Por fim, nessa chave de leitura, por mais que se esteja convencido, que se tenha armas, que se saiba as melhores posturas, as melhores condutas, sem o amor não é possível concluir a jornada. O amor ao divino, ao belo, ao justo, ao bom é aquilo que atrai e sustenta o ser humano nessa jornada.

Dessa maneira, Pico della Mirandola transmite recomendações com potencial para auxiliar o ser humano no caminho de busca pelas virtudes. Sabemos que sua mensagem é profunda e possui várias camadas. Não pretendemos aqui esgotar o assunto, mas antes nos aproximarmos das ideias do filósofo.

## Referências

CASORETTI, Ana Maria. *Pico della Mirandola: o esoterismo como categoria filosófica*. 2020. 192 p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/23124/4/Anna%20Maria%20Casoretti.pdf>. Acesso em: 21 de dez. 2023.

FICINO, Marsílio. *O livro do amor: comentário sobre o convívio de Platão*. Tradução de Ana Thereza Basilio Vieira. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.

JONES, Derek. Giovanni Pico della Mirandola. In: JONES, Derek. *Censorship: a World Encyclopedia*. London: Fitzroy Dearborn, 2001.

PICO DELLA MIRANDOLA, Giovanni. *Discurso sobre la dignidade del hombre*. Buenos Aires: Editorial y Libreria Goncourt, 1978.

## À guisa de prefácio

Heloísa Maria Moraes Moreira Penna

Entrei em contato com parte da obra de Pico della Mirandola ao ingressar, como pesquisadora, no Núcleo de Estudos Clássicos da Fundação Biblioteca Nacional (NEC-FBN). Esse núcleo é composto de latinistas e helenistas de diversas instituições universitárias do país, docentes e discentes pesquisadores, além de bibliotecários da Biblioteca Nacional. Registrado no CNPq, o núcleo tem como objetivo primeiro o de produzir e difundir conhecimento científico, na área de Letras Clássicas, articulado ao acervo da FBN. Nesse sentido, essa publicação é resultante de uma pesquisa de iniciação científica (IC), ao longo de um ano, cuja temática se insere na linha 2 do NEC-FBN, qual seja, a dos “Estudos sobre Língua e Literatura Latina”. Trata-se de um recorte de uma seção da obra maior, *opera omnia*, do escritor humanista italiano de meados dos quatrocentos (1463–1494) e estudioso dentre outros assuntos de filosofia, literatura clássica e religião: “Giovanni Pico della Mirandola, o mais célebre membro da família Pico, da linhagem dos senhores de Mirandola, que pode ser tomado como o arquétipo do humanista no século XV”<sup>8</sup>. Escrita inteiramente em latim renascentista, sua produção interessa especialmente à área de Línguas Clássicas (latim e grego) no que concerne à recepção dos filósofos, dos poetas e dos pensadores da Antiguidade Clássica. O exemplar da *opera omnia* encontra-se no acervo da Biblioteca Nacional que é, em grande parte, composto de obras raras em caracteres tipográficos renascentistas,

<sup>8</sup> SALGADO; FEITAL. *Revista Ética e Filosofia Política*, p. 217.

que necessitam de transcrição, antes da pesquisa de tradução e de análise. A seção selecionada dessa obra maior de Pico della Mirandola para o trabalho de IC foi a das três regras, capitaneadas pelo "*Duodecim regularum epitoma ad bene uiuendum*" ("Epítome das doze regras para o bem-viver"). O volume da *opera omnia* foi impresso em Veneza, em 1519, por Guillelmo Fontaneto de Monteferra e é considerado, por sua vetustez e valor intrínseco, uma obra rara e de grande relevância para consulta dos interessados no pensamento filosófico-religioso e cultural do Renascimento. À investigação do atual aspecto dessas antiguidades e em que medida a perda material é marca de procedimentos censórios veio se juntar um estudo mais abrangente do conteúdo da seção em que se encontra a trilogia das regras. O projeto de IC, agora concluído, está, pois, registrado na Faculdade de Letras da UFMG, com o título "*Duodecim regularum epitoma ad bene uiuendum: tradução, comentários e pesquisa de raridade bibliográfica*" e se desenvolveu em dois eixos temáticos: 1) o da identificação da raridade e da peculiaridade dos itens investigados no acervo da biblioteca brasileira abrangendo, nesse caso, o cotejo de informações do exemplar depositado na FBN com descrições de outros exemplares, obtidas nas bases de dados de bibliotecas nacionais das Américas, Europa, África, Ásia e Oceania, sob a orientação do prof. Fábio Frohwein de Salles Moniz (UFRJ); 2) o da tradução do texto, com comentários linguísticos e literários, sob a orientação da profa. Heloísa Penna (UFMG). É desse segundo eixo que provém o conteúdo desta publicação que consiste de um texto introdutório da discente Maryanne Fagnoli, de um prefácio da docente Heloísa Penna e da tradução da trilogia, fruto do trabalho de um ano de iniciação científica.

Neste prefácio, discorrerei, principalmente, de um dos grupos de regras, qual seja o das doze condições do amante e suas três causas. Essa parte da trilogia me chamou logo a atenção pela percepção de que, ao escrever essas doze recomendações, Pico deixa entrever uma clara aproximação das condições do amante de Cristo com alguns tópicos convenientes à elegia erótica romana. Essa chave de leitura demonstra o perfil do intelectual renascentista cuja erudição literária é baseada na leitura dos clássicos greco-latinos e, especialmente no caso de Pico della Mirandola, sua engenhosidade numa possível promoção do "entrecruzamento dos

gêneros<sup>9</sup>. Nesse sentido, esse humanista cristão faz uma releitura das leis do gênero elegíaco, capitaneado por Ovídio, e as aplica às suas regras, no contexto renascentista hegemonicamente dominado pela literatura cristã.

## **A Recepção Clássica em Pico della Mirandola: o caso de Ovídio**

Segundo Burrow “Ovídio foi o mais imitado e influente autor clássico na Renascença”<sup>10</sup>. Já nos séculos XI e XII temos a assim chamada *Aetas ovidiana*. Do século XIV, chegou-nos uma obra de autor anônimo intitulada *Ovide moralisé*. Trata-se de uma tradução francesa das *Metamorfoses*, acompanhada de comentários “intelectuais e moralizantes”, de 72 mil linhas octossílabas. Na verdade, o autor anônimo do *Ovide moralisé* insere explicações no texto, testemunhando seu profundo conhecimento histórico e literário do contexto pagão e do cristão, como nos versos 2365-2622 em que se vê a história detalhada dos principais acontecimentos que se seguiram após o dilúvio na Babilônia e na Palestina. Além disso, deixa marcas cristãs nas traduções dos mitos, reescrevendo-os à maneira das narrativas bíblicas, como nos versos 2139 a 2159 em que a história de Deucalião é explicada por aquela de Noé e de sua família<sup>11</sup>. Essa obra, adjetivada por Wilkinson de “monstruosa” teve grande influência contemporânea e posterior, inserindo-se numa tradição de abordagem dos autores antigos para atualizá-los e ambientá-lo no contexto cristão<sup>12</sup>. Tem-se notícia de outras produções do tipo que geraram polêmica, com sorte vária para seus autores: alguns o faziam sem grandes consequências, como o poeta germânico do século XII, Amarcus, que afirmava já terem os autores antigos cantado amores ilegais sob a inspiração não das Musas, mas de Deus, embora não o soubessem. A outros, no entanto, a heresia valia-lhes uma punição ou a vida por afirmarem que Deus continuava falando tanto pela voz de Ovídio quanto pela de Agostinho de Hipona<sup>13</sup>. Interessante registrar, ainda, títulos tipicamente medievais em

<sup>9</sup> KROLL. *Studien zum Verständnis der römischen Literatur*.

<sup>10</sup> BURROW. *Re-embodiment Ovid: Renaissance Afterlives*, p. 301.

<sup>11</sup> BOER. *Ovide moralisé: poème du commencement du quatorzième siècle*, p. 56.

<sup>12</sup> WILKINSON. *Ovid recalled*, p. 384.

<sup>13</sup> WILKINSON. *Ovid recalled*, p. 384.

que se ressalta essa abordagem conciliatória pagã-cristã: *Les fastes de l'Église, L'arte d'amare Dio e De arte Amandi S. Mariam*<sup>14</sup>.

Seguindo de perto as pegadas da *auctoritas* dos elegíacos romanos, Pico della Mirandola nos apresenta dois pequenos textos inseridos em sua obra maior, quais sejam, *Duodecim conditiones amantis*, escrito em prosa e em períodos demarcados por introdução prescritiva, e o *Deprecatoria ad Deum elegiaco carmine*, em 33 dísticos elegíacos – sendo este último um poema fiel em forma e conteúdo, à poesia elegíaca augustana.

Deter-me-ei aqui na análise de “As doze condições do amante” (*Duodecim conditiones amantis*) por ser esse texto objeto da pesquisa de IC e parte desta publicação.

## **Desvendando as doze condições do amante e sua relação com a elegia erótica romana**

O substantivo *Conditiones* vem do verbo latino *condere* (de *cum* + *do*) que tem, no dicionário Saraiva o sentido primeiro de “estabelecer, fundar, construir, edificar” e, na acepção do texto, o de “compor, escrever”<sup>15</sup>. Por essa significação, podemos dizer que as condições do amante indicam construtos, edificações, fundamentos que o amante deve seguir para se obter o estado perfeito de entrega e comunhão com o amado. Nas doze *conditiones*, Mirandola dá vida, como os poetas de amor o fazem, “a uma espécie de modelo de comportamento no intento de realizar uma relação de casal de tipo novo”, aquela da elegia em que, como descreve Fedeli, “o amor se torna uma experiência totalizante, único sentimento digno de ser vivido”<sup>16</sup>. Mas como Pico della Mirandola se aproveita dessa literatura profana para torná-la útil a seus propósitos? A elegia vive de convenções que servem para camuflar, com esmero, sentimentos e realidades, daí ser considerada “uma das formas de arte mais sofisticadas de toda a história da literatura”<sup>17</sup>. Nessa representação artística, Propércio, Tibulo e Ovídio cultivaram “um mundo elegíaco imaginário [...] onde a única

<sup>14</sup> WILKINSON. *Ovid recalled*, p. 399.

<sup>15</sup> SARAIVA. *Novíssimo dicionário latino-português*, p. 274.

<sup>16</sup> FEDELI. A poesia de amor, p. 152.

<sup>17</sup> VEYNE. *A elegia erótica romana: o amor, a poesia e o Ocidente*, p. 8.

preocupação é amar<sup>18</sup>. Nesse cenário idealizado, o amante se compara a um soldado, militando na guerra amorosa (*militia amoris*); se revela escravo da amada e acorrentado pelo amor (*seruitium amoris*); propõe pacto de amor eterno (*foedus amoris*) e, por fim, com tom professoral ensina a amar (*magister amoris*). A *persona* elegíaca brinca frivolamente e deixa entrever, ao leitor, seu fingimento em situações em que os arruobos apaixonados se desmentem versos à frente; o sofrimento da rejeição se desfaz instantaneamente; o lamento pela doença da amada termina abruptamente. Essas são práticas poéticas próprias das leis do gênero.

Pico della Mirandola, considerado pelos críticos como “audaz, temerário e vanglorioso” e pelos teólogos “ímpio, heresiarca, mago e ismaelita<sup>19</sup>”, hauriu desse manancial elegíaco as convenções. No entanto, recebeu-as em sentido denotativo, sem entrelinhas, e as empregou em suas regras para interpretação única e possível da vivência cristã. Naturalizou os *topoi* elegíacos ao contexto do Renascimento e tornou verossímil e coerente toda radicalidade sentimental dos amantes. De certa forma, como o permite a literatura, ele manipulou o jogo enganador da tradição elegíaca que “podia brincar com as coisas sagradas<sup>20</sup>” e empregou algumas de suas principais convenções “às avessas” expressando com elas sinceridade, transparência e realidade.

Esse processo de apropriação e adaptação das antigas leis artísticas a uma produção nova é o que permite analisar as condições do amante cotejando-as com algumas convenções elegíacas consagradas nas elegias amorosas romanas, de Ovídio, Propércio e Tibulo.

Começo minhas observações pelo *modus dicendi et docendi* adotado por Pico della Mirandola na exposição de suas regras. O autor as dita e as ordena à moda de um professor, *magister amoris*, e o discípulo, o *amans*, deve segui-las à risca. A maioria dos preceitos se abre com verbos no infinitivo, e pertencentes a um mesmo campo semântico como *cupere* e *optare*; *pati* e *flere*; *putare* e *credere*; *ardere* e *languere*. As linhas de cada preceito são curtas e com significativa incidência de sintagmas antitéticos que facilitam a prática mnemônica: (1. *unum tantum* e

<sup>18</sup> VEYNE. *A elegia erótica romana: o amor, a poesia e o Ocidente*, p. 63.

<sup>19</sup> MIRANDOLA. *Conclusiones nongentae: le novecento tesi dell' ano 1486*, p. XXIII.

<sup>20</sup> VEYNE. *A elegia erótica romana: o amor, a poesia e o Ocidente*, p. 47.

*omnia*; 5. *non re saltem cogitatione*; 7. *laudes e ignominiam*; 10. *absens ex dolore e praesens ex laetitia*). Pode-se inferir uma metodologia de apresentação das regras com dois tópicos principais: o inicial “*Amare*” e o final “*Seruire*”. No interior dessa espécie de moldura, os outros preceitos são ordenados hierarquicamente e o emprego de repetições como a do adjetivo *omnis*, declinado como *omnia* em 1, 3, 6 e 8; e como *omnes* em 6 e 8; enfatiza a ideia de totalidade e abrangência dos preceitos.

Pode-se observar no decálogo das leis de Deus o emprego do infinitivo *amare* para “cravar” o primeiro e principal mandamento, “Amar a Deus sobre todas as coisas”. O preceito número 1 do decálogo parece ser o modelo para a primeira condição do amante: *Amare unum tantum e contemnere omnia pro eo* (Amar um único apenas e desprezar todas as coisas por ele). Mas a aproximação para por aí, pois o que vemos a seguir, nas regras de Pico, são condições que valem tanto para o amor divino quanto para o amor profano, aliás, em nenhuma das condições o amado é nomeado, deixando o leitor com essa ambiguidade que é desfeita apenas no comentário final em que o autor apresenta as três causas indutoras do cumprimento das doze condições: “estas três estão em Deus” (*haec tria sunt in Deo*).

Podemos inferir, nas doze condições do amante, um padrão de comportamento do amado, em relação ao amante, análogo ao proposto pelos elegíacos de Roma aos amantes. Tais analogias gravitam em torno dos polos temáticos básicos da elegia (tais como a *militia* e o *seruitium amoris*; bem como o *foedus amoris*), correspondentes ao sofrimento do amante; à exigente exclusividade no amor; ao exagero do padecimento até a morte; à total dedicação física e psicológica; à incessante luta por conquistar e manter amor com estratégias de adaptabilidade ao seu mundo; à demonstração erótica do amor; ao anular-se em prol dele e ao abraçar a servidão com prazer por nada ou quase nada receber.

Na lista de Pico della Mirandola, fica visível as condições de subjetividade apaixonada, um sujeito elegíaco (*amans*) e um objeto idealizado (*ille, is*), a ausência de outro tema a não ser o amor ao eleito; a recusa em se dedicar a outra atividade; a militância por esse amor; a servidão apetecível; a querimônia; o ditado de uma autoridade, do *magister amoris*. Além disso, alguns vocábulos típicos da poesia do amor

elegíaco que, segundo Fedeli, “graças a Catulo adquire direito de cidadania na linguagem de amor”<sup>21</sup> estão presentes na lista do humanista cristão: no segundo poema de Catulo encontramos amor como *dolor* e *ardor*; amada como *desiderium* (Catulo 2, 7-8-5); e no 68 o enamorar-se como o equivalente ao *ardere*. Para ilustrar essa aproximação com a elegia, cito passagens da *Ars Amandi* de Ovídio evocadas nas condições de Mirandola:

### Quadro comparativo dos preceitos elegíacos em Ovídio e cristãos em Pico

Trechos <sup>22</sup> da <i>Ars amandi</i> de Ovídio	Trechos das regras de Pico
<p><i>Principio, quod amare uelis, reperire labora qui noua nunc primum miles in arma uenis. (Ars, I 35-6)</i></p> <p>De início, esforça-te por descobrir o que desejas amar/ tu que para inédias armas só agora vens como soldado.</p>	<p>1. <i>Amare unum tantum [et] contemnere omnia pro eo.</i></p> <p>Amar um único apenas e desprezar tudo por ele.</p>
<p><i>Munditie placeant... (Ars, I 512)</i></p> <p>Impressione-as a elegância... <i>Munditiis capimur. Non sint sine lege capilli. (Ars, III 133)</i></p> <p>Seduz-nos a elegância. Não estejam os cabelos desordenados.</p>	<p>4. <i>Ornare se ut illi placeant.</i></p> <p>Ornar-se para agradá-lo.</p>
<p><i>Et lacrimae prosunt; lacrimis adamanta mouebis fac madidas uideat, si potes, illa genas. (Ars, I 657-8)</i></p> <p>Também as lágrimas ajudam; comoverás até mesmo diamantes com teu pranto faze que veja tua face úmida, se puderes.</p>	<p>10. <i>Flere cum eo saepe uel si absens ex dolore uel si praesens ex laetitia.</i></p> <p>Chorar com ele sempre: se ausente de dor; se presente de alegria.</p>

<sup>21</sup> FEDELI. A poesia de amor, p. 161.

<sup>22</sup> Os trechos da *Arte de Amar* foram traduzidos por Matheus Trevizam e os das regras de Pico pela autora do texto.

**Quadro comparativo dos preceitos elegíacos em Ovídio  
e cristãos em Pico**

Conclusão

Trechos da <i>Ars amandi</i> de Ovídio	Trechos das regras de Pico
<p><i>Arguet, arguito; quidquid probat illa, probato; quod dicet, dicas; quod negat illa, neges; riserit, adride; si flebite, flere memento. Imponat leges uultibus illa tuis. (Ars, II 199-202)</i></p> <p>O que ela censurar, censura; tudo o que aprovar, aprova; dize o que ela disser; tudo o que negar, nega; se rir, ri com ela; se chorar, lembra-te de chorar. Deixa-a regrar tuas feições.</p>	<p>6. <i>Amare omnia quae ad eum attinent:</i> Amar tudo que se relacione a ele:</p> <p>8. <i>De eo credere omnia summa, ...</i> Dele, crer que tudo é superior ...</p>
<p><i>Illa quidem ualeat, sed, si male firma cubabit et uitium caeli senserit aegra sui, tunc amor et pietas tua sit manifesta puellae. (Ars, II 319-21)</i></p> <p>Possa estar bem! Mas se cair de cama enfraquecida e experimentar na doença a insalubridade do clima, manifesta então teu amor e dedicação à menina.</p> <p><i>Quod iuuat, exiguum, plus est, quod laedat amantes, proponant animo multa ferenda suo. (Ars, II 515-16)</i></p> <p>O que favorece é muito pouco, mais há que possa lesar os amantes, que se proponham no espírito a muito suportar.</p> <p><i>Adspiciam dominae uictos amentis ocelos; langueat et tangi se uetet illa diu. (Ars, II 691-2)</i></p> <p>Verei os olhinhos entregues de uma mulher enlouquecida; que enfim enlanguesça e por longo tempo proíba que a toque.</p>	<p>2. <i>Omnia pati ut cum illo sit, etiam mortem.</i> Suportar tudo para que esteja com ele, até mesmo a morte.</p> <p>9. <i>Optare etiam pro eo pati aliquod inco[m]modum [et] dulce esse illud incommodum.</i> Optar também sofrer, por ele, qualquer incômodo e considerar doce tal incômodo.</p> <p>11. <i>Semper languere semper ardere eius desiderio.</i> Sempre tornar-se lânguido, sempre arder-se pelo desejo dele.</p>

Fonte: elaborado pela autora.

Durante a Idade Média, Tibulo, com seus três livros sentimentais, teve também notável recepção e essas composições influenciaram fortemente os poetas da Renascença. Além dele, Catulo e Propércio que, já antes e/ou concomitantes com o sulmonense, ditavam as convenções elegíacas em Roma, deixaram sua herança ao pósteros e cuja produção nos servem de experiências comparativas.

### **Quadro comparativo entre os preceitos elegíacos em Catulo, Tibulo e Propércio e os preceitos cristãos em Pico**

<b>Catulo, Tibulo e Propércio</b>	<b>Duodecim conditiones amantis</b>
<p><i>ut liceat nobis tota perducere uita aeternum hoc sanctae foedus amicitiae.</i> (Catulo CIX)</p> <p>Que nos permita, por toda a vida, levar até o fim este eterno pacto de pura afeição.</p>	<p>1. <i>Amare unum tantum [et] contemnere omnia pro eo.</i> Amar um único apenas e desprezar tudo por ele.</p>
<p><i>Hic mihi seruitium uideo dominamque paratam: iam mihi, libertas illa paterna, uale.</i> (Tibulo, 2, 4 1-2)</p> <p>Aqui vejo que me estão preparadas servidão e dona: já pra mim, aquela liberdade paterna, dá adeus!</p> <p><i>nos, ut consuemus, nostros agitamus amores, atque aliquid duram quaerimus in dominam; nec tantum ingenio quantum seruire dolori cogor et aetatis tempora dura queri.</i> (Propércio, I, 7, 4-7)</p> <p>eu, como de costume, trato de nossos amores e busco algo para minha dura dona; nem tanto ao engenho quanto a servir à dor sou forçado e a queixar-me dos tempos duros da idade.</p>	<p>12. <i>Seruir[e] illi nihil cogita[n]do de p[rae]mio aut mercede.</i> Servi-lo sem pensar em prêmio ou favor.</p>

Fonte: elaborado pela autora.

## Em suma

Diante do exposto e dos exemplos apresentados, ainda que de pouca extensão, não é difícil, pois, perceber que, na Idade Média e no Renascimento, a recepção dos autores da Antiguidade foi no sentido de se fazer combinações das ideias e dos estilos antigos culminando em interpretações próprias ao contexto da época. No caso de Pico della Mirandola, sua busca incessante por uma harmonia entre saberes o fez mergulhar nos estudos da Antiguidade tentando extrair deles um denominador comum de aproximação com o divino e o humano. Além disso, sua admiração pelos autores canônicos da tradição literária greco-latina o impeliu a produções harmônicas entre o paganismo e o cristianismo, construindo um íntimo sistema de correspondências e graduações entre os diferentes mundos que, em sua visão, mais se aproximavam que se distanciavam. Nesse sentido, as regras do amante cristão são, em última análise, aquelas ditadas pelas convenções da elegia erótica romana, gênero cultivado pelos poetas latinos do primeiro século a. C. O principal deles, Ovídio, autor reverenciado no Renascimento, apresenta-se como um possível modelo de reescritura e de readaptação de acordo com o propósito do escritor. E o propósito de Mirandola, com o texto das doze condições do amante, parece ter sido o de lançar mão de exemplos de comportamentos do amante elegíaco para construir um código de modo de vida particular destinado ao amante de Cristo. Mas como dito, sem seguir as artificialidades dos elegíacos que lançavam mão das convenções do gênero para fingir sentimentos, se divertir com as imaginações criadas e rechaçar as emoções verdadeiras<sup>23</sup>. A experiência de amor totalizante, o verdadeiro motivo de vida do amante, tão bem exposta nos poemas elegíacos e retomada por Pico com inegável sinceridade, combina perfeitamente com o modelo de vida do cristão devoto. Este, de fato, faz uma aliança de eterna fidelidade com Cristo ao estabelecer com Ele um *foedus amoris*; ao praticar de bom grado o *seruitium amoris*; e ao se dispor a morrer por Ele, pois é na vida além-túmulo que se “realiza a unidade dos amantes em vão buscada em vida”<sup>24</sup>.

<sup>23</sup> VEYNE. *A elegia erótica romana*: o amor, a poesia e o Ocidente, p. 63.

<sup>24</sup> FEDELI. *A poesia de amor*, p. 178.

## Referências

- BOER, Cornelis de. *Ovide moralisé*: poème du commencement du quatorzième siècle. Amsterdam: J. Müller, 1995. Disponível em: <https://archive.org/details/ovidemoralispo12boer/page/n3/mode/2up>. Acesso em: 8 de fev. 2025.
- BURROW, Colin. Re-embodying Ovid: Renaissance Afterlives. In: HARDIE, Philip. *The Cambridge Companion to Ovid*. Edited by Philip Hardie. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- CATULO. *O livro de Catulo*. Tradução e comentários de João Ângelo Oliva Neto. São Paulo: Edusp, 1996.
- FEDELI, Paolo. A poesia de amor. In: CAVALLO, Guglielmo. *O espaço literário da Roma Antiga*. Tradução de Daniel Peluci Carrara e Fernanda Messeder Moura. Belo Horizonte: Tessitura, 2010.
- KROLL, Wilhelm. *Studien zum Verständnis der römischen Literatur*. Stuttgart: J. B. Metzler, 1924.
- OVÍDIO. *A arte de amar*: Públio Ovídio Nasão. Ed. bilíngue. Tradução, introdução e notas de Matheus Trevizam. Campinas: Mercado de Letras, 2016.
- PICO DELLA MIRANDOLA, Giovanni. *Conclusiones nongentae*: Le novecento tesi dell' ano 1486. Edição de Albano Biondi. Firenze: Olschki Editore, 1995.
- PICO DELLA MIRANDOLA, Giovanni. *Omnia opera*. Veneza: Guillelmo Fontaneto de Monteferra, 1519. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_obrasraras/bndigital1193/bndigital1193.pdf](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/bndigital1193/bndigital1193.pdf). Acesso em: 21 de out. 2023.
- PROPÉRCIO. *Elegies*. Edição e tradução de George Patrick Goold. Cambridge: Harvard University Press, 1999.
- SALGADO, Karine; FEITAL, Thiago Álvares. Pico della Mirandola, Botticelli e a "antropologização" do Direito: em busca de uma representação da Justiça no Quattrocento. *Revista Ética e Filosofia Política*, n. 14, v. 2, out. 2011.
- SARAIVA, Francisco Rodrigues dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. Belo Horizonte: Editora Garnier, 2000.
- TIBULO. *Elegie*. Tradução de Guido Vitali. Bologna: Zanichelli, 1943.
- VEYNE, Paul. *A elegia erótica romana*: o amor, a poesia e o Ocidente. Tradução de Milton Meira do Nascimento e Maria das Graças de Souza Nascimento. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- WILKINSON, Lancelot Patrick. *Ovid recalled*. London: Bristol Classical Press, 2005.

## Duodecim regularum epitoma ad bene uiuendum

Prima regula: si homini uidetur dura uia uirtutis: quia continue oportet nos pugnare aduersus carnem, et diabolum, et mundum: Recordetur quod quamcumque elegerit uitam et[iam] secundum mundum multa illi aduersa: tristitia: incommoda: laboriosa patienda sunt.

Secunda regula: recordetur quod in rebus mundi diutius pugnatur: [et] laboriosius [et] infructuosius: in quibus labor est finis laboris: [et] tandem poena aeterna.

Tertia regula recordetur stultum esse credere ad caelum posse perueniri nisi per huiusmodi pugnam/sicut [et] caput nostrum Christus non ascendit in caelum nisi per crucem: nec debet serui conditio melior esse conditione domini.

Quarta regula recordetur non solu[m] esse [a]egre fere[n]da[m] ha[n]c pugna[m]: sed opta[n]da[m] etia[m] si nullu[m] inde nobis p[ro]m[iss]u[m] p[er]uenire: solu[m] ut co[n]formemur christo deo [et] d[omi]no n[ost]ro: [et] quotie[n]s resiste[n]do alicui te[n]tatio[n]i: alicui ex sensibus tuis uim facis cogita cuina[m] p[ar]ti crucis [ch]r[ist]i co[n]formis reddaris: ut qu[ua]n[do] gulae resiste[n]s gustu[m] affligis recordare illu[m] felle potatum [et] aceto. Qu[ua]n[do] manus retrahis a rapina alicuius rei qu[ua]e tibi placet cogita manus illius p[ro] te ligno crucis affixas: [et] si resistis sup[er]biae recordare illu[m] qu[ui] cu[m] in forma dei esset p[ro] te forma[m] serui accepisse [et] hu[m]iliatu[m] usq[ue] ad morte[m] crucis: [et] cu[m] de ira te[n]taris recordare illu[m] qu[ui] deus erat/ [et] o[mn]i[u]m ho[m]i[n]um iustissimus cu[m] se t[ame]n uideret

## Epítome das doze regras para o bem-viver

Primeira regra: se ao homem parece duro o caminho da virtude, porque convém que ele lute continuamente contra a carne e o diabo e o mundo: recorde-se de que, por escolher qualquer vida, mesmo segundo o mundo, muitas coisas que lhe são adversas – como tristeza, incômodos, sofrimentos – devem ser suportadas.

Segunda regra: recorde-se de que, nos assuntos do mundo, luta-se diuturnamente, não só mais laboriosa, mas também mais infrutiferamente: nesses o labor é a finalidade do labor e, no final, a pena é eterna.

Terceira regra: recorde-se de que é insensato crer que se possa alcançar o céu de outro modo que não pela luta: assim como também Cristo, nosso guia, não ascendeu ao céu a não ser pela cruz; e não deve ser a condição do servo melhor do que a do senhor.

Quarta regra: recorde-se de que não apenas dolorosamente essa luta deve ser enfrentada, mas deve ser escolhida mesmo se daí nenhum prêmio a nós venha, apenas para que sejamos modelados por Cristo Deus e nosso senhor. E, todas as vezes que, resistindo a alguma tentação, lute contra a que provém de teus sentidos, pensa que te tornas semelhante a alguma parte da cruz de Cristo. Da mesma maneira que, quando resistindo à gula te afliges, recorda aquele gosto embebido de fel e de vinagre<sup>25</sup>. Quando as mãos afastas do roubo de alguma coisa que te

<sup>25</sup> Evangelho segundo Mateus, 27, 34 e Evangelho segundo João, 19, 28-30. Todas as referências do texto bíblico identificadas em Pico foram extraídas da *Biblia Sacra iuxta Vulgatam Clementinam*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1991.

q[ua]si latrone[m] [et] illudi: [et] conspui: [et] flagellari: [et] opprobriis o[mn]ibus affici: [et] cu[m] latronibus deputari: nullu[m] t[ame]n unq[uam] aut indignatio[n]is signu[m] o[ste]ndit: sed patie[n]tissime o[mn]ia fere[n]s o[mn]ibus ma[n]suetissime respondebat: [et] sic discurrendo per singula inuenias nullam esse passionem quae te christo aliqua ex parte conformem non efficiat.

Quinta regula: q[uod] in illis duodecim armis nec in quocunq[ue] alio hu[m]ano remedio co[n]fidas: sed in sola uirtute Iesu [ch]r[ist]i q[ui] dixit co[n]fidite ego uici mu[n]du[m]: [et] alibi: Princeps mu[n]di hui[us] eiicit[ur] foras: q[ua]re [et] nos sola ei[us] uirtute co[n]fidamus: [et] mu[n]du[m] posse uincere: [et] diabol[u]m sup[er]are: Et ideo debemus s[em]p[er] petere ei[us] auxiliu[m] p[er] or[ati]one[m] [et] sanctor[um] suor[um].

Sexta regula: recordare cum unam uicisti tentationem semper aliam esse expectandam: quia diabolus semper circuit quem deuoret: quare oportet semper seruire in timore [et] dicere cum propheta super custodiam meam stabo.

Septima regula: ut non solu[m] non uincaris a diabolo quum te tentat. Sed ut uincas ipsum: [et] hoc est quando non solum non peccas: sed ex ea re unde te tentauerat occasionem sumis alicuius boni: ut si opus suum bonum aliquod tibi offert: ut inde in uanam gloriam incidas: tu illud statim non ut opus tuum: sed ut beneficium dei cogitans humilias te [et] iudicas parum gratu[m] te esse deo de beneficiis eius.

Octava regula: ut quu[m] pugnas: pugnes quasi uince[n]do deinde p[er]petua[m] pacem habiturus: quia forte hoc tibi dabit deus ex gratia sua: [et] diabolus amplius no[n] redibit confusus de tua uictoria: sed quum uicisti geras te quasi mox pugnaturus ut in pugna semper uictoriae: [et] in uictoria semper sis memor pugnae.

Nona regula: ut qu[uam]uis te sentias undiq[ue] bene munitum [et] paratu[m]: semper t[ame]n fugias occasiones peccandi: quia ut dicit sapiens qui amat p[er]iculum p[er]ibit in illo.

Decima regula: ut in te[n]tationibus semp[er] in principio occurras [et] allidas p[ar]uulos babilonis ad petra[m]. Petra autem est christus: quia fero medicina paratur.

agrada, pensa nas mãos daquele pregadas no lenho da cruz em teu lugar, e, se ainda te apegas à soberba, recorda aquele que, embora tivesse a forma de Deus, teria recebido a forma de servo e se humilhado por ti até a morte na cruz. E, quando tentado pela ira, recordes aquele que, embora fosse Deus e o mais justo de todos os homens, foi considerado um ladrão<sup>26</sup>, não só foi escarnecido bem como escarrado e flagelado; atacado com todos os opróbrios e contado entre os ladrões. No entanto, não mostrou, em hora alguma, qualquer sinal de indignação, mas, suportando com paciência tudo, respondia a todos com extrema mansidão. E assim, ao discorrer por cada passagem, descobrirás que nenhum sofrimento existe que, em alguma medida, não te torne semelhante a Cristo.

Quinta regra: por isso, não confies naquelas doze armas nem em qualquer outro remédio humano: mas somente na virtude de Jesus Cristo, que disse: “[C]onfiai, eu venci o mundo” e, em outra ocasião: “[O] príncipe deste mundo é lançado fora”<sup>27</sup>. Por essa razão, confiemos apenas na virtude dele, para poder vencer o mundo e superar o diabo. E, assim, devemos sempre pedir o auxílio dele e dos seus santos pela oração.

Sexta regra: recorde-se de que, quando venceres uma tentação, sempre outra deve ser esperada, porque o diabo sempre rodeia a quem deseja devorar. Por essa razão, convém sempre servir no temor e dizer como o profeta “manter-me-ei de pé sobre o meu posto de guarda”<sup>28</sup>.

Sétima regra: que não apenas não sejas vencido pelo diabo quando [ele] te tenta, mas que o venças, a ele próprio. Isso acontece quando, não somente não pecas, mas, partindo do motivo pelo qual ele tinha te tentado, aproveitas a ocasião para algum bem. Se a ti ele oferta algum grande prêmio, para que incidas em glória vã, tu imediatamente não tomes aquilo como obra tua; mas, considerando como benefício de Deus, te humilhes e te julgues pouco grato a Deus diante dos benefícios dele.

Oitava regra: quando lutares, lutes como se, ao vencer, estivesses prestes a obter a paz perpétua; porque talvez isso Deus te concederá da Sua própria graça. E o diabo, confuso com tua vitória, não mais voltará.

<sup>26</sup> Evangelho segundo Marcos, 15, 27-32.

<sup>27</sup> Evangelho segundo João, 12, 31.

<sup>28</sup> Habacuc, 2, 1.

Vndecima regula: recordare q[uod] licet in ipso conflictu tentationis amara uideat[ur] pugna: tamen longe dulcius est uincere tentatione[m] q[uam] ire ad peccatu[m] ad quod te inclina: [et] in hoc multi decipiuntur: quia non comparant dulcedine[m] uictoriae dulcedini peccati. Sed compara[n]t pugna[m] uoluptati: [et] t[ame]n homo qui milies expertus e[st] q[ui]d sit cedere tentationi deberet semel saltem experiri quid sit uincere tentationem.

Duodecima regula: p[ro]pterea q[uod] te[n]taris ne credaste a deo derelictu[m]: aut deo par[um] gratu[m] e[ss]e, aut par[um] iustu[m] [et] p[er]fectu[m] memor sis q[uod] postq[uam] Paulus uidit diuina[m] essentia[m] patiebat[ur] tentatione[m] carnis: q[ua] p[er]mittebat deus eu[m] te[n]tari: ne de sup[er]bia te[n]taret[ur]: in quo et[iam] ho[mo] debet aduertere q[uod] Paulus q[uis] erat uas electionis [et] rapt[us] usq[ue] ad tertiu[m] caelu[m]: tame[n] erat in p[er]iculo ne de suis uirtutibus sup[er]biret: sicut ip[s]e dicit de se ne magnitudo r[e]uelationu[m] extolleret me datus e[st] mihi stimulus carnis meae q[ui] me collaphizet. Quare sup[er] o[mn]es te[n]tationes ho[mo] debet maxime se munire co[n]tra te[n]tatione[m] sup[er]biae: q[ui]a radix o[mn]ium maloru[m] sup[er]bia e[st]: co[n]tra q[uo]d unicu[m] remediu[m] e[st] cogitare semp[er] q[uod] deus se hu[m]iliauit p[ro] nobis usq[ue] ad cruce[m]: [et] mors nos uel inuitos eo usq[ue] nos hu[m]iliauit ut sim[us] esca uermiu[m].

Mas, tendo vencido, te apresentes como aquele que logo há de lutar, pois sempre na luta estejas lembrado da vitória, e, na vitória, da luta.

Nona regra: embora te sintas sob todos os aspectos bem seguro e preparado, ainda assim fujas sempre das ocasiões de pecado, porque, como diz o sábio, quem ama o perigo perecerá nele<sup>29</sup>.

Décima regra: que faças frente às tentações sempre no princípio e que arrojés as crianças da Babilônia contra a pedra<sup>30</sup>. A pedra, porém, é Cristo, porque ao inculto é preparado um remédio.

Décima primeira regra: recordar que, mesmo que no conflito da tentação a luta pareça amarga, muito mais doce, porém, é vencer a tentação, do que ir ao pecado ao qual te inclinas. E nisso muitos são enganados: porque não comparam a doçura da vitória à doçura do pecado, mas comparam a luta ao prazer. E, porém, o homem que experimentou mil vezes ceder à tentação deveria experimentar pelo menos uma vez vencer a tentação.

Décima segunda regra: porque és tentado, não te creias abandonado por Deus, ou pouco agradável a Deus ou pouco justo e perfeito. Estejas lembrado de que, depois que Paulo viu a essência divina, ele suportava a tentação da carne pela qual Deus permitia que ele fosse tentado, para que não fosse tentado pela soberba. Nisso também deve o homem estar atento, pois que Paulo, embora fosse o vaso escolhido<sup>31</sup> e arrebatado até o terceiro céu, ainda assim estava em perigo de se orgulhar de suas virtudes. Do mesmo modo, isso ele próprio diz de si: "para que a grandeza das revelações não me envaidecesse, foi me dado um agulhão para minha carne, que me ferisse"<sup>32</sup>. Assim, acima de todas as tentações, deve o homem se proteger maximamente contra a tentação da soberba, porque a raiz de todos os males é a soberba, contra a qual o único remédio é considerar sempre que Deus se humilhou por nós até a cruz. E a morte, mesmo contra nossa vontade, nos humilhou como se fôssemos alimento de vermes.

<sup>29</sup> Eclesiástico 3, 27.

<sup>30</sup> Salmo 136 (137) (Canto do exilado), 9.

<sup>31</sup> Atos dos Apóstolos 9, 15.

<sup>32</sup> 2 Coríntios, 7-10.

## Duodecim arma spiritualis pugnae quae in promptu haberi debent cum pecca[n]di libido mentem subdit

Voluptas brevis [et] exigua.	Aeternum praemium: aeterna poena.
Comites fastidium [et] anxietas.	Hominis dignitas [et] natura.
Iactura maioris boni.	Pax bonae mentis.
Vita somnus [et] umbra.	Dei beneficia.
Mors instans [et] improuisa.	Crux christi.
Suspitio impenitentiae.	Testimo[n]ia martyr[um] [et] exe[m]pla s[an]ctor[um].

## **Doze armas da luta espiritual que devem estar à disposição quando o desejo de pecar submete a mente**

Prazer efêmero e exíguo.	Eterno prêmio, eterna pena.
Companheiros repugnância e ansiedade.	Dignidade e caráter do homem.
Desperdício do bem maior.	Paz de uma boa mente.
Vida sono e sombra.	Benefícios de Deus.
Morte iminente e inesperada.	Cruz de Cristo.
Suspeição de impenitência.	Testemunhos dos mártires e exemplos dos santos.

## Duodecim conditiones amantis

Amare unum tantum [et] contemnere omnia pro eo.

Infoelicem putare eum qui non est cum amato:

Omnia pati, ut cum illo sit, etiam mortem.

Ornare se ut illi placeat:

Esse cum illo quomodo potest: [et] si non re saltem cogitatione.

Amare omnia quae ad eum attinent: amicos omnes: domus: uestes: imagines.

Cupere laudes nec posse pati aliquam eius ignominiam.

De eo credere omnia summa, idemq[ue] cupere ut omnes credant.

Optare etiam pro eo pati aliquod inco[n]modum [et] dulce esse illud incommodum.

Flere cum eo saepe uel si absens ex dolore: uel si praesens ex laetitia.

Semper languere semper ardere eius desiderio.

Seruir[e] illi nihil cogita[n]do de p[rae]mio aut mercede.

Solemus a[u]t[em] ad hoc i[n]duci p[rae]cipue ex tribus ca[us]is. Prima est q[ua]n[do] seruitiu[m] ipsum p[er] se est appetibile: Secu[n]da q[ua]n[do] ille cui seruimus est i[n] se ualde bonus [et] amabilis: sicut solemus dicere seruimus illi p[ro]p[ter] suas uirtutes. Tertia est q[ua]n[do] ille priusq[ua]m incip[er]es multa tibi b[e]n[e]ficia co[n]tulit: [et] h[ae]c tria sunt i[n] deo: q[ui]a p[ro] seruitio eius nihil nouiter accipitur quod no[n] sit nobis bonum: [et] quoad a[n]i[m]am [et] quoad corpus: q[ui]a seruire ei no[n] est aliud q[ua]m tendere ad eu[m]: hoc est ad summu[m] bonu[m]. Similiter ipse est optimus [et] pulcherrimus [et]

## As doze condições do amante

Amar um único apenas e desprezar todas as coisas por ele.

Considerar infeliz aquele que não está com o amado.

Suportar tudo para que com ele esteja, até mesmo a morte.

Preparar-se para agradá-lo.

Estar com ele da maneira que puder; se não em realidade, pelo menos em pensamento.

Amar tudo que se refira a ele: todos os amigos, casa, vestes, lembranças.

Desejar elogios e não poder suportar alguma repreensão dele.

Pensar as coisas mais elevadas sobre ele e, da mesma forma, desejar que todos pensem.

Optar também sofrer por ele qualquer incômodo e considerar doce tal incômodo.

Chorar com ele sempre: se ausente, de dor, se presente, de alegria.

Enlanguescer-se sempre, sempre se arder de desejo por ele.

Servir a ele sem pensar em prêmio ou recompensa.

Acostumamo-nos, porém, a ser impelidos a isso principalmente por três causas. A primeira é quando a servidão por si própria é agradável. A segunda, quando aquele a quem servimos é em si tão bom e amável, que nos acostumamos a dizer: "servimos a ele em razão de suas virtudes". A terceira é quando, antes que existisses, ele já tinha reunido muitos benefícios para ti. E essas três (causas) estão em Deus, porque, em virtude do serviço dele, nada de novo é recebido que não seja para o nosso bem, tanto para a alma quanto para o corpo. Porque servir a ele

sapientissimus: [et] habet o[mn]es conditiones quae solent nos mouere ad amandu[m] aliq[ue]m [et] seruie[n]du[m] ei gratis: [et] in nos co[n]tulit su[m]ma b[e]n[e]ficia cu[m] nos, [et] ex nihilo creauerit [et] p[er] saguine[m] filii sui ab i[n]ferno redemerit.

não é diferente de dirigir-se a ele, isto é, ao maior bem. Ele próprio é igualmente ótimo, belíssimo e sapientíssimo; e possui todas as condições que costumam nos mover para amar alguém, servindo-lhe sem nada em troca. E nos trouxe os maiores benefícios quando, a partir do nada, nos criou e pelo sangue do seu filho nos salvou do inferno.



## Sobre os organizadores

**Fábio Frohwein de Salles Moniz** (supervisão de transcrição) é doutor em Literatura Brasileira e em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor de Língua e Literatura Latinas do Departamento de Letras Clássicas da Faculdade de Letras da UFRJ. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da UFRJ, em cuja coordenação se encontra atualmente. Líder do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos Clássicos da Fundação Biblioteca Nacional. Vice-líder do grupo de pesquisa Crítica Textual da Fundação Biblioteca Nacional. Bolsista do Programa Nacional de Apoio à Pesquisa (PNAP-FBN) em 2020-2021 com a pesquisa O Glossário do Silêncio: palavras, expressões, versos e poemas expurgados na coleção *Ad usum Delphini*. Principal interesse em doutrinas gramaticais do séc. XV, em fenômenos de transmissão do texto latino clássico e em tradução de obras renascentistas de expressão latina.

**Heloísa Maria Moraes Moreira Penna** (organização e supervisão de tradução) possui graduação em Letras (Licenciatura em Português) pela Universidade Federal de Minas Gerais (1990), graduação em Letras (Licenciatura em Latim) pela Universidade Federal de Minas Gerais (1994), mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (1998 - Linha de pesquisa: Linguística Histórica), doutorado em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (2007 - Métrica horaciana) e Pós-Doutorado em Letras Clássicas pela Universidade de Campinas (2016 - Geórgicas IV de Virgílio). Atualmente é professora

titular da Universidade Federal de Minas Gerais. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Latim, atuando principalmente nos seguintes temas: Horácio, literatura latina, poesia latina, métrica latina, épica da Antiguidade Tardia; epigramas atribuídos a Sêneca. É pesquisadora do Núcleo de Estudos Clássicos da Fundação Biblioteca Nacional (NEC-FBN).

**Maryanne Pimenta Fagnoli** (Transcrição e tradução) é graduanda na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, na habilitação Bacharelado em Letras Clássicas, com ênfase em Português-Grego. Gradou-se em Direito pela Fundação Educacional Monsenhor Messias (UNIFEMM) em Sete Lagoas (MG), em 2011, e atua como assessora na Justiça Federal de Primeiro Grau em Minas Gerais (TRF6). Foi monitora de Grego Antigo e de Estudos Diacrônicos na Faculdade de Letras da UFMG, editora associada da Revista do CAAP (Centro Acadêmico Afonso Pena), vinculada à Faculdade de Direito da UFMG, e estagiária/professora nos cursos de Grego Antigo e de Latim do Centro de Extensão da Faculdade de Letras da UFMG (Cenex - Fale/UFMG). Integra o Núcleo de Estudos Clássicos da Fundação Biblioteca Nacional (NEC-FBN) e é membro da Organização Internacional Nova Acrópole, organização dedicada a estudos filosóficos e suas práticas, a partir da qual inicialmente teve contato com a obra de Pico della Mirandola.





## **Publicações Viva Voz**

### ***Relato do mestre Gregório a respeito das maravilhas da cidade de Roma***

Heloísa Maria Moraes Moreira Penna (org.)

Nathalia Tomaz de Lima (org.)

### ***Odes e Canto Secular***

Heloísa Maria Moraes Moreira Penna (org.)

Júlia Avellar (org.)

### ***Ars loquendi et tacendi – A Arte de falar e de calar: lições da Antiguidade do mestre Albertano de Brécia***

Heloísa Maria Moraes Moreira Penna (org.)

Os livros e cadernos Viva Voz estão disponíveis em versão eletrônica no *site*: [www.labeled-letras-ufmg.com.br](http://www.labeled-letras-ufmg.com.br)

P598.Pf Pico della Mirandola, Giovanni, 1463-1494.  
Trilogia das regras do Pico della Mirandola / Organização:  
Fábio Frohwein de Salles Moniz, Heloísa Maria Moraes Moreira  
Penna, Maryanne Pimenta Fargnoli ; tradução: Maryanne  
Pimenta Fargnoli. – Ed. bilingue. – 2025.  
40 p. : il., p&b. – (Viva Voz)

Texto em latim com tradução para o português.

ISBN: 978-85-7758-378-2 (digital)

ISBN: 978-65-87237-99-2 (impresso)

1. Pico della Mirandola, Giovanni, 1463-1494. 2. Espiritualismo (Filosofia). 3. Filosofia renascentista. 4. Amor. 5. Virtude. I. Moniz, Fábio Frohwein de Salles. II. Penna, Heloísa Moraes Moreira. III. Fargnoli, Maryanne Pimenta. IV. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. V. Série.

CDD: 195.1

As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da Fale/UFMG, constituído por estudantes de Letras - bolsistas e voluntários - supervisionados por docentes da área de Edição. A presente edição foi impressa pela Imprensa Universitária UFMG em sistema digital, papel pólen natural 80 g/m<sup>2</sup> (miolo). Composta em caracteres Verdana, acabamento em kraft 420 g/m<sup>2</sup> (capa) e costura artesanal com cordão encerado.

**V**  
**V V**  
**V V**  
**Viva VOZ**